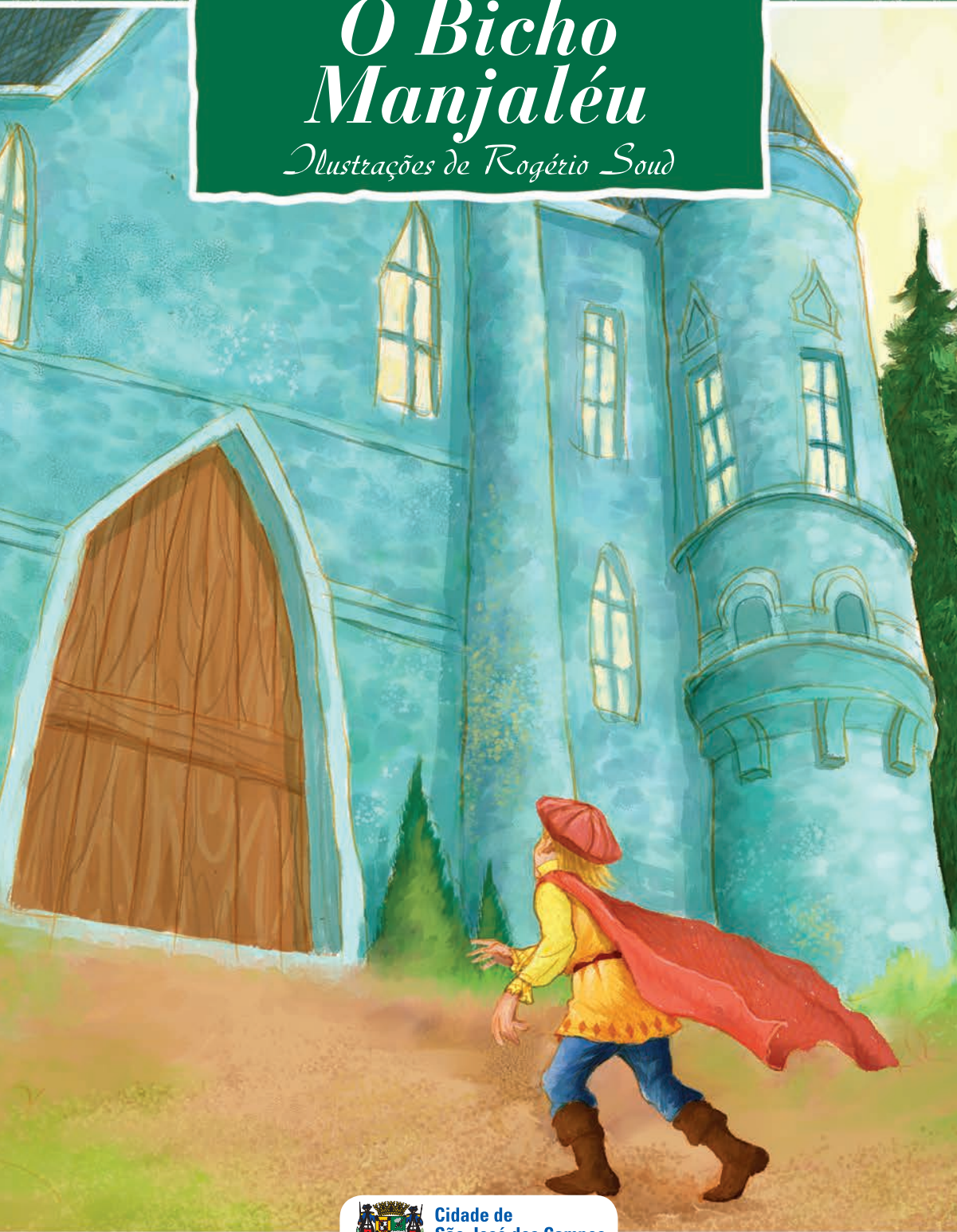


Conto popular da Europa
O Bicho
Manjaléu
Ilustrações de Rogério Soud



Cidade de
São José dos Campos
Prefeitura Municipal

Conto popular da Europa

O Bicho Manjaléu

Ilustrações de Rogério Soud



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Uma vez existiu um velho casado, que tinha três filhas muito bonitas; o velho era muito pobre e vivia de fazer vasilhas para vender. Quando foi um dia, chegou à sua porta um moço muito formoso, montado num belo cavalo e lhe falou para comprar uma de suas filhas.

O velho ficou muito magoado, e disse que, por ser pobre, não havia de vender sua filha. O moço disse-lhe que se não vendesse, o mataria; o velho intimidado vendeu-lhe a moça e recebeu muito dinheiro.

Retirando-se o cavaleiro, o pai da família não quis mais trabalhar nas vasilhas, por julgar que não precisava mais de então em diante; mas a mulher instou com ele para que não largasse o seu trabalho de costume, e ele obedeceu.



Quando foi na tarde seguinte, apresentou-se outro moço, ainda mais bonito, montado num cavalo ainda mais bem aparelhado, e disse ao velho que queria comprar-lhe uma de suas filhas. O pai ficou muito incomodado; contou-lhe o que lhe tinha acontecido no dia antecedente e recusou-se ao negócio. O moço o ameaçou também de morte, e o velho cedeu.

Se o primeiro deu muito dinheiro, este ainda deu mais e foi-se embora.

O velho de novo não quis continuar a fazer as vasilhas e a mulher o aconselhou até ele continuar.

Pela tarde seguinte, apareceu outro cavaleiro ainda mais bonito e melhor montado, e pela mesma forma carregou-lhe a filha mais moça, deixando ainda mais dinheiro.

A família cá ficou muito rica; depois apareceu a velha grávida e deu à luz um filho, que



foi criado com muito luxo e mimo. Quando chegou o tempo de o menino ir para a escola, um dia brigou com um companheiro, e este lhe disse: “Ah! tu pensas que teu pai foi sempre rico!... Ele hoje está assim, porque vendeu tuas irmãs!...” O rapazinho ficou muito pensativo e não disse nada em casa; mas, quando foi moço, lá num dia foi ao pai e à mãe e lhes disse que lhe contassem a história de suas três irmãs, senão os abandonava. O pai concordou e contou o que se tinha passado antes de ele nascer. O moço então pediu que queria sair pelo mundo para encontrar as suas três irmãs, e partiu. Chegando em um caminho, viu numa casa três irmãos brigando por causa de uma bota, um gorro e uma chave.

Ele chegou e perguntou o que era aquilo, e para que prestavam aquelas coisas.

Os três irmãos responderam que àquela bota se dizia: “Bota, me bota em tal parte!” e a bota

botava; ao gorro se dizia: “Esconde-me, gorro!” e ele escondia a pessoa que ninguém a via; e a chave abria qualquer porta.

O moço ofereceu bastante dinheiro pelos objetos, os irmãos aceitaram, e ele partiu. Quando se afastou da casa, disse: “Bota, me bota na casa de minha primeira irmã.”

Quando abriu os olhos, estava lá. A casa era um palácio muito enfeitado e rico, e o moço mandou pedir licença para entrar e falar com a irmã, que estava feita rainha. Ela não queria aparecer, porque dizia que nunca tinha tido irmão. Afinal, depois de muita instância, deixou o estrangeiro entrar; ele contou toda a sua história, a irmã acreditou e o tratou muito bem.

Perguntou-lhe como podia ter chegado àquele lugar tão distante e o irmão falou-lhe do poder da bota. Pela tarde, a rainha se pôs a chorar e o irmão lhe indagou da razão, ao que ela respondeu que seu marido era





o rei dos peixes, e, quando vinha jantar, era muito zangado, com vontade de acabar com tudo, e não queria que ninguém fosse ter ao palácio... O moço disse-lhe que por isso não se incomodasse, que tinha com que se esconder e não ser visto, e era o gorro. Pela tarde, veio o *rei dos peixes*, acompanhado de uma porção de outros, que o deixaram na porta do palácio e se retiraram. Chegou o rei muito aborrecido, dando pulos e pancadas, dizendo: “Sinto cheiro de sangue real, sinto cheiro de sangue real!...” do que a rainha o dissuadiu; até que ele tomou banho e se desencantou num belo moço.

Seguiu-se o jantar, no qual a rainha perguntou-lhe:

“Se aqui viesse um irmão meu, cunhado seu, o que você fazia?” “Tratava-o e venerava como a você mesma; e se está aí, apareça.”



Foi a resposta do rei. O moço apareceu, e foi muito respeitado. Depois de muita conversação, em que contou sua viagem, pediram-lhe para ficar ali, morando com a irmã, ao que ele disse que não, porque ainda lhe restavam duas irmãs a visitar.

O rei lhe indagou que préstimo tinha aquela bota, e quando soube do que valia, disse-lhe: “Se eu a apanhasse ia ver a rainha de Castela”. O moço, não querendo ficar, despediu-se e, no ato da saída, o cunhado lhe deu uma escama, e disse-lhe: “Quando você estiver em algum perigo, pegue nesta escama, e diga: Valha-me o rei dos peixes.”

O moço saiu, e, quando se afastou do palácio, disse: “Bota, me bota em casa de minha segunda irmã”; e quando abriu os olhos, lá estava. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que o outro. Com alguma dificuldade da parte da irmã, entrou e foi recebido muito bem. Depois de muita conversa, a sua irmã do meio se

pôs a chorar, dizendo que era “por estar ele aí, e, sendo seu marido o rei dos carneiros, quando vinha jantar, era dando muitas marradas, querendo matar tudo.”

O irmão acalmou-a, dizendo que tinha onde se esconder. Logo, chegou uma porção de carneiros com um carneirão muito alvo e belo na frente; este entrou e os outros voltaram. O rei se mostrou muito bravo, dando marradas para lá e para cá, dizendo: “Sinto cheiro de sangue real! Sinto cheiro de sangue real!” A rainha lhe disse que não era nada, e ele se transformou num formoso homem.

No jantar, a rainha perguntou: “Se viesse aqui um irmão meu, seu cunhado, o que você fazia?” Ele respondeu: “Tratava-o e venerava-o como a você mesma. E se está aí, apareça.”

O moço apareceu e foi bem recebido. Depois de conversarem, pediram-lhe que ficasse, mas ele disse que ainda tinha uma irmã para visitar. Na despedida o rei dos carneiros deu ao



cunhado uma lâzinha, dizendo: “Quando estiver em perigo, diga: Valha-me o rei dos carneiros. Também disse, depois de saber da virtude da bota: “Se eu pegasse esta bota, ia ver a rainha de Castela.”

O moço foi reparando nisto, e formou logo consigo o plano de ir vê-la. Saiu, e pela mesma forma foi à casa de sua irmã mais moça. Era um palácio ainda mais bonito e rico do que os outros dois.

Como antes, entrou e foi bem recebido. Depois de conversar com a irmã, ela se pôs a chorar, dizendo que era “por estar ele aí e, sendo seu marido o rei dos pombos, quando vinha jantar, era dando muitas bicadas, querendo acabar com tudo.

O irmão a tranquilizou, dizendo que tinha onde se esconder. Logo, chegou um bando de pombos, com um pombo muito branco e belo na frente; este entrou e os outros voltaram. O rei se mostrou muito bravo, dando bicadas para lá e para cá, dizendo: “Sinto cheiro de sangue real!



Sinto cheiro de sangue real!” A rainha lhe disse que não era nada, e, como o peixe e o carneiro, ele se transformou num formoso homem.

No jantar, a rainha perguntou: “Se estivesse aqui um irmão meu, seu cunhado, o que você fazia?” Ele respondeu: “Eu o tratava e respeitava como a você mesma. E se está aí, apareça.”

O moço apareceu e, mais uma vez, foi bem recebido. Depois de conversarem, o rei e a rainha lhe pediram que ficasse, mas ele disse que precisava seguir viagem. Na despedida, o rei dos pombos deu ao cunhado uma pena, dizendo: “Quando se vir em algum perigo, diga: Valha-me o rei dos pombos. Também disse, depois de saber da virtude da bota: “Se eu pegasse esta bota, ia ver a rainha de Castela.”

Logo que o moço se viu longe do palácio, disse: “Bota, bota-me agora na terra da rainha de Castela”. Assim foi. Chegado lá, ele indagou e soube que era uma princesa que o pai queria casar, e que era tão bonita que ninguém passava pela frente do palácio que não olhasse logo



para cima para vê-la na janela; mas a princesa tinha dito ao rei que só se casava com o homem que passasse por ela sem levantar a vista.

O estrangeiro foi passar, e atravessou toda a distância sem olhar, e a princesa se casou com ele.

Depois de casados, ela perguntou pela significação daqueles objetos que seu marido sempre trazia consigo; ele tudo lhe contou, e a princesa prestou muita atenção ao poder da chave.

O rei, seu pai, tinha no palácio um quarto que nunca se abria, e neste quarto, onde era proibido a todos entrar, estava, desde muito tempo, trancado um bicho Manjaléu, muito feroz, que sempre o rei mandava matar e sempre revivia. A moça tinha muita curiosidade de o ver e, aproveitando a saída do pai e do marido para uma caçada, pegou na chave encantada e abriu o quarto. O bicho pulou de dentro, dizendo: “A ti mesmo é que eu quero!...” e fugiu com ela para as matas.

Quando voltaram os caçadores, deram por falta da princesa, e ficaram muito aflitos; o rei foi ao quarto do Manjaléu e achou-o aberto e vazio, e o novo príncipe reconheceu a sua chave... Então valeu-se de sua bota e foi ter aonde estava a sua mulher. Esta, quando o viu, estando ausente o Manjaléu, ficou muito alegre, e quis ir-se embora com ele. Mas o marido não consentiu, dizendo que ela ficasse ainda para perguntar ao do monstro onde estava a sua vida, para assim darse cabo dele. O príncipe foi-se embora. Quando o Manjaléu voltou, percebeu que ali tinha estado bicho homem; a moça negou e, quando ele se acalmou, ela lhe perguntou onde estava a sua vida. O monstro zangou-se muito, e disse: “Ah! tu queres saber de minha vida para contar ao teu marido, para darem cabo de mim!... Não te digo, não...”

Passaram-se dias, sempre a moça insistindo. Afinal, ele foi amolar uma faca, dizendo: “Eu te digo onde está a minha vida; mas, se eu sentir qualquer incômodo, saberei que ela está em

perigo, e antes que me matem mato a ti primeiro, queres!?”

A princesa respondeu que sim. O Manjaléu amolou a faca, e disse-lhe: “Minha vida está no mar; dentro dele há um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar eu morro.” O bicho saiu e foi procurar frutas; chegou o príncipe e soube de tudo e foi-se embora. O Manjaléu veio e deitou-se no colo da moça com a faca ali perto. O príncipe chegou com a sua bota à praia do mar num instante; lá pegou na escama, que tinha, e disse: “Valha-me o rei dos peixes!” De repente, uma multidão de peixes apareceu, indagando o que ele queria.

O príncipe perguntou por um caixão que havia no fundo do mar; os peixes disseram que nunca tinham visto, e só se o peixe do rabo cotó soubesse. Foram chamar o peixe do rabo cotó, e este respondeu: “Neste instante dei um encontro nele.”



Todos os peixes foram e botaram o caixão para fora. O príncipe abriu e deu com a pedra; aí pegou na lâzinha e disse: “Valha-me o rei dos carneiros!” De repente apareceram muitos carneiros e se puseram a dar marradas na pedra. O Manjaléu lá começou a sentir-se doente, e dizia: “Minha vida, princesa, corre perigo!” E pegou na faca; a moça o foi enganando e dizendo que não sabia de nada. Os carneiros quebraram a pedra e voou uma pomba. O príncipe pegou na pena e disse: “Valha-me o rei dos pombos!” Chegaram muitos pombos e correram atrás da pomba, até que a pegaram. O príncipe abriu-a e achou o ovo. Quando estava nisto, lá o Manjaléu estava muito desfalecido, pegou na faca e ia dando um golpe na princesa. Foi quando cá o príncipe quebrou o ovo e apagou a vela; aí o bicho caiu sem ferir a moça. O príncipe foi ter com ela, e levou-a para palácio, onde houve muitas festas.



Ficha Técnica

O Bicho Manjaléu

Conto popular da Europa

Ilustrações de Rogério Soud

ISBN: 978-85-61192-13-6

Coordenação editorial de Alberto V. Queiroz

Editoração – Magno Studio

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 1ª edição – 2009

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler,
da Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Secretaria Municipal de Educação

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP -12.220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP.

É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal



ISBN: 978-85-61192-13-6